ENTRE FILOSOFIA E RELIGIÃO, ENTRE FREI HEITOR PINTO E FREI AMADOR DE ARRAIS

Renato Epifânio

I – A via de Frei Heitor Pinto

A via que Frei Heitor Pinto[1] nos prefigura ao longo da *Imagem da Vida Cristã* – a sua obra aqui em análise[2] –, é uma via filosófico-religiosa. Eis o que procuraremos aqui patentear, atentando sobretudo no primeiro dos seis diálogos que compõem a primeira parte da obra, diálogo dividido em oito capítulos, assim intitulados: «Da excelência da vista sobre os outros sentidos e do descobrimento da verdade»; «Da velocidade e inconstância da vida, e do erro dos que cuidam que estão e que têm anos de vida»; «Da resposta às objecções acerca da vista, e da introdução da verdadeira filosofia»; «Da consideração e conhecimento de si mesmo»; «Da composição humana e do verdadeiro conhecimento dela»; «Em que o ermitão vai prosseguindo a matéria do conhecimento de si, e do amor, e da humildade, e da cobiça»; «Em que o ermitão prossegue a matéria da encarnação de Cristo, e sua morte, e do desprezo do mundo»; «Em que o ermitão prosseguindo a sua prática mostra como haveremos de servir a Cristo, e fazer guerra ao mundo, e ultimamente declara em que consiste a verdadeira filosofia».

Como se depreende do próprio título do primeiro capítulo – «Da excelência da vista sobre os outros sentidos e do descobrimento da verdade» –, parte Frei Heitor Pinto de dois pressupostos: o de que se pode descobrir a «verdade» e o de que é a vista o sentido que melhor cumpre essa descoberta. Em abono desse seu primeiro pressuposto, Frei Heitor Pinto pouco nos acrescenta – diz-nos apenas que a «verdade» não só pode como deseja ser descoberta, que ela, como chegou mesmo a escrever, citando Tertuliano, «tem vergonha de estar escondida» (*I.V.C.*, p. 11). Ao contrário de Heraclito, que, num dos seus célebres fragmentos, escre-

[1] Heitor Pinto nasceu provavelmente na Covilhã, por volta de 1528, tendo ingressado, em 1543, na Ordem de S. Jerónimo. Depois de estudar Direito Civil em Salamanca e Coimbra, onde estudou igualmente Teologia, obteve o grau de Doutor em Teologia pela Universidade de Siguenza. Entre 1571 e 1573 foi provincial da Ordem de S. Jerónimo e, em 1575, foi convidado por D. Sebastião para reger a cadeira de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Após vicissitudes várias motivadas pelo seu apoio ao Prior do Crato, morreu no exílio, em Toledo, provavelmente em 1584.

[2] Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, introdução de J.V. de Pina Martins, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1984 [doravante: *I.V.C.*].

veu que «a natureza gosta de se esconder», parte pois Frei Heitor do pressuposto inverso: o de que ela, a «verdade», a «natureza», a «verdadeira natureza das coisas», não gosta de se esconder, antes, pelo contrário, deseja ser descoberta. Fundado ou não, eis o primeiro pressuposto de que parte o autor, o pressuposto que, desde logo, abre boas perspectivas para a concretização da via que ele nos prefigura.

A vista é, de todos os sentidos, aquele que melhor cumpre essa «descoberta da verdade» – eis, como referimos, o segundo pressuposto de que parte Frei Heitor Pinto. Não, contudo, a «vista corporal», mas sim a vista, os «olhos do entendimento», os «olhos da alma». São estes, com efeito, como expressamente nos assegura, aqueles que verdadeiramente vêem, aqueles que «não se enganam» (*ibid.*, p. 10) – os «olhos do corpo», ao invés, como expressamente nos assegura ainda, «enganam-se muitas vezes» (*ibid.*, p. 10). Do mesmo modo, a luz que verdadeiramente nos alumia não é, para Frei Heitor, a «luz do sol» mas sim a «luz de Deus» – é essa, como refere, citando os textos bíblicos, a «verdadeira luz», aquela que verdadeiramente «alumia todo o homem que vem a este mundo» (*ibid.*, p. 30). Daí, aliás, toda a diferença entre os «olhos do corpo» e os «olhos da alma»: aqueles são alumiados pela «luz do Sol» e, por via disso, «enganam-se muitas vezes»; já estes, ao invés, são alumiados pela «luz de Deus», pelos «raios do divino esplendor», e, por via disso, «não se enganam». Daí ainda que a «vista corporal» seja um «impedimento para o filosofar» (*ibid.*, p. 27) e que a «vista da alma» seja precisamente aquela que potencia a «verdadeira filosofia».

Alumiados os «olhos da alma» pela «luz de Deus», a «verdadeira luz», aquela que verdadeiramente «alumia todo o homem que vem a este mundo», iniciemos então, sem mais demora, essa via que Frei Heitor Pinto nos prefigura: a via da «verdadeira filosofia», a via através da qual acederemos, em última instância, à própria «verdade». O nosso propósito é aqui precisamente esse: reconstituir, nos seus traços gerais, essa via que Frei Heitor nos prefigura, essa via que ele próprio procurou cumprir. Iniciemo-la, contudo, devagar, sem a menor pressa. Como lapidarmente escreveu José Marinho, «tudo se perde em filosofia por querer a verdade demasiado depressa». Como lapidarmente escreveu o próprio Frei Heitor, citando Bias, um dos «sete sábios gregos», «nenhuma coisa é mais contrária à deliberação do que a ira e a pressa» (*ibid.*, pp. 3-4) – e isto porque, como lapidarmente escreveu ainda, citando Aristóteles, «um pequeno erro no princípio se faz grande no fim» (*ibid.*, p. 3). Alumiados os «olhos da alma» pela «luz de Deus», a «verdadeira luz», aquela que verdadeira-

mente «alumia todo o homem que vem a este mundo», iniciemos pois, sem mais demora, mas sem a menor pressa, a via da «verdadeira filosofia».

Como expressamente nos assegura Frei Heitor Pinto no início do quarto capítulo do primeiro dos seis diálogos que compõem a primeira parte desta sua obra, «a verdadeira filosofia começa no homem pela consideração de si mesmo» (*ibid.*, p. 35). Nessa medida, importa pois que todos nós, filósofos, iniciemos, de imediato, essa demanda pela nossa própria identidade – só assim se cumprirá a «verdadeira filosofia», só assim nós próprios nos cumpriremos... Tarefa árdua é, contudo, esta: descobrir a nossa própria identidade. Como, em jeito de advertência, observa Frei Heitor, «é tão difícil o conhecimento de nós mesmos [...], que muito mais facilmente entenderemos as naturezas das coisas, por mais escondidas e incógnitas que estejam, que a nós mesmos» (*ibid.*, p. 37). É, aliás, por isso que, ainda segundo o autor, Adão, o «nosso primeiro pai», pôs nomes a todas as coisas mas não a si mesmo – nas suas próprias palavras: «Para saber pôr convenientes nomes às coisas, requer-se conhecer-lhes as essências e naturezas; e como Adão no estado de inocência tinha ciência de todas as coisas que naturalmente se podiam saber, e doutras mais como o afirma S. Tomás seguindo e amplificando a sentença de S. Agostinho, fácil coisa lhe foi pôr nomes convenientes às suas qualidades. Mas não pôs nome a si, porque não se atreveu a dizer que se conhecia a si.» (*ibid.*, pp. 36-37).

Por mais árdua, por mais impossível, que se nos possa eventualmente afigurar, esta tarefa – descobrirmos quem somos, quem verdadeiramente somos, descobrirmos a nossa real identidade – tem, contudo, que ser cumprida, impreterivelmente. Se não a cumprirmos jamais se cumprirá a via da «verdadeira filosofia». E isto porque, como expressamente nos assegura o próprio Frei Heitor Pinto, já quase no fim deste capítulo, se o homem não se conhecer a si mesmo jamais poderá vir ele a conhecer tudo o que está para além de si, todas as «outras coisas» (*ibid.*, p. 41: «se os homens não sabiam a Deus pedir era porque se não sabiam conhecer e não se conhecendo a si não conheciam as outras coisas.»). Eis, com efeito, todo o alcance desta tarefa: não se trata apenas de descobrirmos quem somos, quem verdadeiramente somos, para depois nos retermos, narcisicamente, na contemplação da nossa identidade; trata-se antes, mais profundamente, de descobrirmos quem somos, quem verdadeiramente somos, para depois podermos vir a conhecer todas as «outras coisas», as «essências de todas as outras coisas». Daí, enfim, todo o alcance da «divina sentença»: «Conhece-te a ti mesmo!». Ainda neste capítulo recorda-nos Frei Heitor que, de todas as «sentenças», era precisamente

esta a que os «antigos» tinham por «mais excelente» (*ibid*., p. 40). Ao conhecermo-nos a nós mesmos, tudo, em última instância, conheceremos.

II – A via de Frei Amador de Arrais

A via que Frei Amador de Arrais[3] nos prefigura ao longo dos *Diálogos* – a sua obra aqui em análise[4] – é, igualmente, uma via filosófico-religiosa. Eis o que procuraremos aqui patentear, atentando sobretudo no segundo dos dez diálogos que compõem a obra, assim intitulados: «Das queixas dos enfermos e cura dos médicos»; «Do alívio dos afligidos»; «Da gente judaica»; «Da glória e triunfo dos lusitanos»; «Das condições e partes do bom príncipe»; «Das vias por que Deus nestes tempos nos chama»; «Da paciência e fortaleza cristã»; «Do testamento cristão»; «Consolação para a hora da morte»; «Da Invocação a nossa Senhora». Intitula-se pois «Do alívio dos afligidos» o diálogo que iremos aqui procurar expor, o qual tem como interlocutores «Antíoco», o «Enfermo», e «Pauliniano», o «Pregador», e como tema o que o próprio título do capítulo indica.

Sendo toda a via religiosa uma via de re-ligação, cumpre-se desde logo essa via na re-ligação com nós mesmos, com o que nós mais verdadeiramente somos, o mesmo é dizer, com a nossa «alma». Tal um dos pressupostos de que parte Frei Amador de Arrais, o mesmo pressuposto, aliás, de que partiu Frei Heitor Pinto – nas suas palavras: «O corpo é como a bainha da alma, como o vaso de barro, em que ela se recolhe. Donde Salomão no Eclesiastes lhe chama talha de água quebradiça. E o apóstolo São Paulo na segunda aos Coríntios diz que temos o tesouro em vasos de barro, entendendo por eles os corpos. Nem ia longe disto Anaxarco, o filósofo, que, sendo ferido por Nicocreonte, o tirano do Chipre, como conta Plínio, dizia: Dá e fere, quanto quiseres, o vaso de Anaxarco, que a Anaxarco nunca o ferirás. Tinha para si este filósofo que ele era a sua alma e que o corpo era um vaso desta [...]. Donde se colhe claramente que quem conhece somente o seu corpo, não se conhece a si, mas coisa sua, e que conhecer-se a si é principalmente conhecer a sua alma [...].» (*I.V.C.*, pp. 45-48).

[3] Amador de Arrais nasceu em Beja, por volta de 1530. Tomou o hábito no convento dos Carmelitas Calçados de Lisboa, em 1545. Foi Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra, pregador régio do tempo de D. Sebastião, e Bispo de Portalegre, cargo a que viria a renunciar em 1596, vindo a falecer em Coimbra a 1 de Agosto de 1600.

[4] Amador de Arrais, *Diálogos*, introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1974 [doravante: *D.*].

Tal como Frei Heitor Pinto, parte pois Frei Amador de Arrais de uma visão dualista do homem – o homem é corpo e alma, o homem é essencialmente a sua alma: «Maiores somos, e para maiores coisas gerados [fomos] que para sermos escravos dos nossos corpos. Não foi feita a alma por razão do corpo, mas o corpo por respeito da alma.» (*D.*, pp. 62-63). Daí que, ainda segundo Frei Amador de Arrais, o homem deva sobretudo temer os males que podem afligir a sua alma: «Não há pior guerra do que essa, porque as outras são entre uns homens e outros, e esta é do homem consigo mesmo [...]. Nenhum repouso, nenhuma seguridade pode durar em nossa alma se não lançarmos de nós a diversidade dos afectos e das paixões, que são como cidadãos revoltosos, e os não reduzirmos a uma vontade e a querer uma só coisa [...]. Como os contrários e corruptos humores nos corpos, assim os contrários e corruptos afectos geram nas almas enfermidades. As quais são tanto mais perigosas quanto a alma é mais nobre que o corpo, e quanto a morte eterna é mais terrível que a temporal.» (*ibid.*, p. 63).

Aliás, para Frei Amador de Arrais, nós não temos que temer os «males do corpo», dado que, pelo menos em alguns casos, é pela própria «doença corporal» que se alcança a «saúde espiritual», conforme o exemplo que ele retira da vida de Santo Agostinho: «Santo Agostinho dizia em suas meditações. Tarde te conheci verdade antiga, porque estava cego, e amava minha cegueira, e de umas trevas me passava a outras. Tarde te conheci lume verdadeiro, porque tinha ante os olhos da minha vaidade uma nuvem tenebrosa, que me tolhia ver o lume da verdade. Mas depois que me alumiaste, caindo na conta comecei a dizer, ai de mim em que trevas e escuridades jazia; ai do cego que não podia ver o lume do céu; ai do ignorante que não te conhecia. Isto pois se ganha com a doença corporal, vermos a espiritual. As pragas que mandou Deus sobre o Faraó o fizeram desviar do mau propósito que tinha de pecar com Sara, mulher de Abraão. E as enfermidades com que nos visita atalham as nossas más determinações. Este é o artifício divino quando a nossa alma está resoluta em danados intentos, e quase na garganta do Demónio, castiga e debilita o nosso corpo; no que parece estorvo vem encoberto o presídio e dissimulado o remédio.» (*ibid.*, p. 98)[5].

[5] Daí que, ainda segundo Frei Amador de Arrais, findo o perigo da «doença espiritual», logo «Deus» nos agracia com a saúde do nosso próprio corpo [cf. *ibid.*, p. 99: «Se a carne é inimiga figadal do espírito, e entre ambos há contínua peleja, e ele é o que nos dá mais nobre ser, folguemos de a ver abatida, vencida e rendida, e a ele vitorioso e triunfador dela. Quereis ver quanto aproveita o mal do corpo para o bem da alma, e quanto nos vale em aquele estar enfermo, para este ter saúde? Lembro-vos que o príncipe dos Apóstolos levantado das águas do mar às estrelas do Céu, e feito porteiro dele, dando com a sua

Desta tese, infere Frei Amador de Arrais que o homem deve negar o mais possível tudo o que há em si de material, de mundano, de modo a poder religar-se inteiramente à sua alma e, em última instância, ao próprio ser divino. Eis o que o próprio autor nos assegura – sobretudo no sétimo diálogo desta sua obra, no seu capítulo décimo, precisamente intitulado «Da negação de si mesmo»: «Pela liberdade conhecemos o quanto a natureza do homem excede a dos outros animais, segundo a qual foi criado à imagem de Deus; por isso negar-se o homem a si mesmo tanto monta como sujeitar de todo a sua própria vontade ao arbítrio alheio. É também negar o homem velho não outorgando com os seus desejos e perturbações, nem se regendo pelo seu juízo, senão pelo espírito de Cristo e pela ordem da sua lei; e o que isto faz juntamente toma a sua cruz às costas e nela crucifica a sua carne e todas as desordens da sua concupiscência. Nisto punha São Paulo a sua glória e contentamento dizendo: Deus me guarde de pôr a minha glória senão na Cruz de Jesus Cristo, por amor do qual o mundo está crucificado e morto para mim e eu crucificado e morto para ele.» (*ibid*., p. 423).

Como se infere do trecho acima transcrito, essa negação, essa «morte» de nós mesmos aqui prefigurada não é senão a «morte» de nós mesmos enquanto seres mundanos, isto é, enquanto seres que apenas seguem as «leis do mundo», essas leis, esse mundo que Frei Amador de Arrais renega em múltiplas passagens deste seu diálogo: «É o mundo para os seus filhos mais fácil e liberal em prometer do que foi Chares, o capitão ateniense, e muito mais mentiroso em cumprir o que promete. Com as promessas de Chares que ficaram em provérbio se parecem as do mundo. Muitos cuidaram eternizar nele seu nome, a quem mentiram suas falsas esperanças. É o mundo tão avaro e tenaz das suas coisas e são elas de tão pouco ser e substância que, prometendo-nos tudo e provocando-nos a que o sirvamos e nele nos fiemos, apenas dá a dois de nós o que desejamos, e o pior é que não menos mente quando nos concede o que nos havia prometido que quando no-lo nega; de ambos os modos nos engana. Promete ao nosso ânimo paz, quietação e que ficará contente e satisfeito se alcançar o que pretende, e depois de o ter alcançado, nada nele menos achamos do que o que mais esperávamos. Tal é a natureza e a condição dos bens da terra, que enquanto se não possuem são desejados e depois de possuídos menosprezados.» (*ibid*., p. 86).

---

sombra saúde a todos os enfermos, não a quis dar uma vez à sua filha, dizendo que lhe aproveitava a enfermidade; mas depois que este médico celestial entendeu que, cessando em Petronilha a indisposição e a fraqueza corporal, não corria perigo a sua saúde espiritual, logo a curou das febres e a levantou do leito em que jazia.»].

Eis, com efeito, do que aqui fundamentalmente se trata: não de nos negarmos em absoluto, mas apenas de nos negarmos enquanto seres mundanos. Tanto mais porque ao negarmo-nos enquanto seres mundanos não estaremos propriamente a negarmo-nos – estaremos antes, ao invés, a afirmarmo-nos no nosso mais verdadeiro ser, na nossa mais autêntica condição: «não fixa na terra, mas virada para o céu». Eis, de resto, o que Frei Heitor Pinto nos havia já igualmente assegurado na sua *Imagem da Vida Cristã* – daí, nomeadamente, estas suas palavras: «os brutos animais não nasceram para possuir senão a terra, e por isso a trazem nas mãos; mas nós fomos criados para possuir o céu, não tocamos com as mãos na terra, para a ter e possuir, senão com os pés, para a calcar e desprezar. Esta é a filosofia da nossa natural composição.» (*I.V.C.*, p. 59); «Quis Deus que a nossa estatura e composição significassem que não éramos criados para a terra, mas para o céu, e que para lá havíamos de levar o pensamento [...]. Daqui vieram os Gregos chamar antropos ao homem, que quer dizer coisa que contempla e olha para cima [...]. E porque nós temos a cabeça levantada para cima, disse Platão que o homem era uma árvore transversa, não fixa na terra, mas virada para o céu [...].» (*ibid.*, pp. 57-58).

Trata-se pois aqui, quer para Frei Heitor Pinto quer para Frei Amador de Arrais, de denunciar a subtil, a abissal «diferença ontológica» do ser humano relativamente aos outros seres da natureza, desde logo, relativamente aos «brutos animais»: enquanto que estes são o que são e com isso se satisfazem, na sua estrita e estreita imanência, o ser humano, ao invés, nunca se satisfaz com o que é, com a sua condição, o ser humano, ao invés, excede, infinitamente, o seu ser, o estrito horizonte do seu ser, o ser humano, ao invés, é sobretudo o seu não-ser, mais propriamente, o que é para além de si. E por isso ele a todo o instante se excede, se outra, se transcende. Daí, em suma, a fundamental importância dessa via que Frei Amador de Arrais nos prefigura nesta sua obra. Essa via, a via religiosa, não é senão a via através da qual o ser humano se cumpre – ele só se cumpre, realmente, ele só é, verdadeiramente, na exacta medida em que cumpre essa via. Aliás, quer o queira quer não, o ser humano está sempre já, ainda e sempre, a cumprir essa via, o ser humano está sempre já, ainda e sempre, em via... Importa pois apenas que o ser humano o assuma. Se não o fizer, a sua via será, tão-só, uma eterna deriva, uma sisífica errância, sem fim nem destino, tão-só um caminho sem horizonte. Se não o fizer, a sua via será, tão-só, como lapidarmente escreveu Frei Heitor Pinto na sua *Imagem da Vida Cristã*, uma «carreira para a morte» (*ibid.*, p. 20).